



AOS ESTUDANTES DE COIMBRA

I- O Movimento Associativo dos estudantes portugueses foi durante o fascismo - com particular relevo nos últimos 15 anos - uma das grandes frentes da luta anti-fascista. Em alguns períodos travaram-se aí as maiores batalhas pelos direitos de reunião, informação, associação e contra a guerra colonial.

O poder de intervenção, a grande força revolucionária do Movimento Associativo, provinha, essencialmente, do seu carácter de movimento de massas. Este carácter massivo era assegurado pela aplicação prática de objectivos específicos e unitários, pela democraticidade interna e pelo apartidarismo, que nunca significou, nem pode significar neutralismo político.

II- As últimas eleições para os corpos gerentes da A.A.C. (2.400 votantes em mais de 10.000 estudantes), são o reflexo do que tem sido a evolução do Movimento Associativo após o 25 de Abril.

A actuação sabotadora de grupos marginais (em relação ao processo revolucionário) e de grupos de marginais, a que não raras vezes se associam notórios fascistas, conduziu ao desinteresse dos estudantes e à progressiva degradação do Movimento Associativo, pela implantação no seu seio do partidarismo agudo, do sectarismo exacerbado, de mentira, da calúnia e da agressão física transformados em discussão "ideológica".

III- O Movimento Associativo tem no momento actual da vida portuguesa um importante e insubstituível papel a desempenhar na reconstrução, a todos os níveis, da Cultura e da Educação e do Ensino no nosso país.

Mas para isso é necessário o seu fortalecimento, a preservação das suas características de movimento de tipo sindical (embora adaptado às características do meio estudantil) - apartidário, que não neutral politicamente, isto é, acompanhando e apoiando o processo revolucionário em curso; unitário em torno de objectivos concretos e específicos dos estudantes e da Escola.

IV- É neste sentido que será dado o nosso contributo e canalizado o nosso esforço.

Não para nos perdemos e estiolarmos em questiúnculas estéreis que só podem servir os desígnios da divisão e da reacção, mas para ganharmos as massas estudantis para a luta unitária, pela definição de reformas pedagógicas e culturais, por uma participação activa e vigilante em toda a vida das Escolas, pela defesa e fortalecimento das Associações de Estudantes e dos seus órgãos dirigentes representativos e democraticamente eleitos, enfim, por uma definição clara e consequente da democratização do Ensino e da Cultura em Portugal.

Coimbra, 27/2/75

A BASE ESTUDANTIL DE COIMBRA DO MDP/CDE